

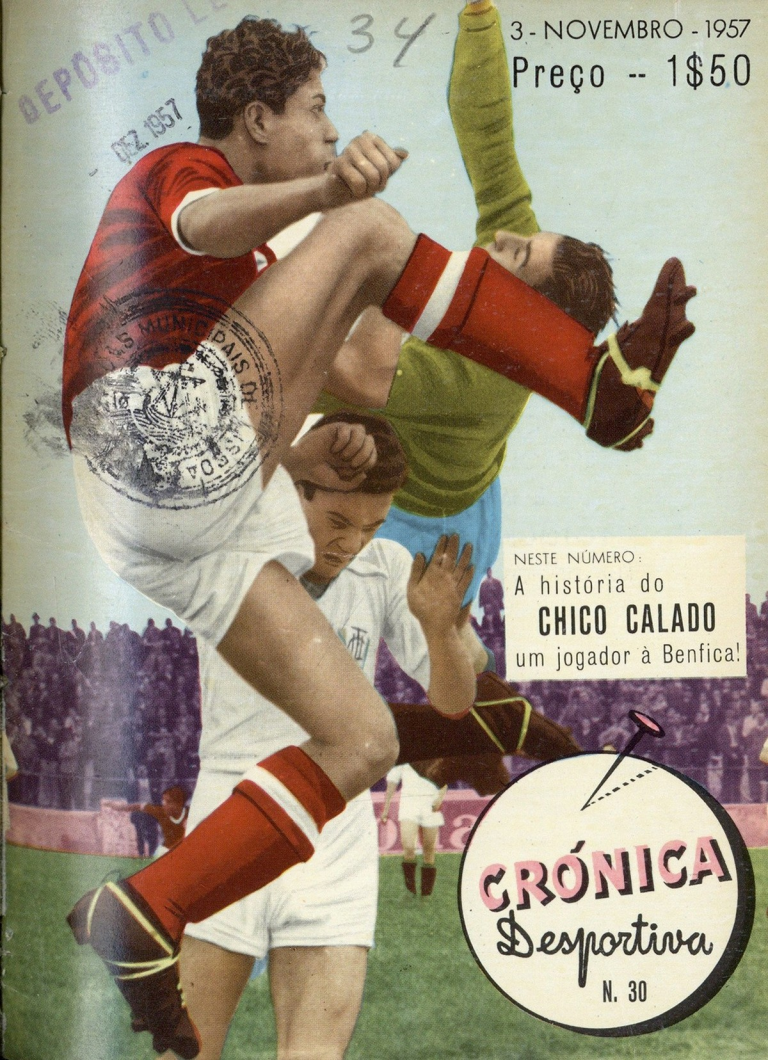
DEPOSITO

DEZ. 1957

34

3 - NOVEMBRO - 1957

Preço -- 1\$50



NESTE NÚMERO:
A história do
CHICO GALADO
um jogador à Benfica!

CRÓNICA
Desportiva
N. 30

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

Todos os Domingos

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 30 — 3-11-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGÊNCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P
(Anuário Comercial de Portugal)

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

CARA A CARA

TÁCTICAS QUE ALGEMAM JOGADORES

— Se eu fosse presidente da F. I. F. A. mandava prender todos aqueles que inventam tácticas e contra-tácticas!

Estas palavras foram proferidas em conversa amena com um dos melhores jogadores argentinos que actuam no nosso País. Precisando melhor: foram dele aquelas curiosas palavras, que nem por terem sentido figurado, não deixam de significar a «tacticofobia» do nosso interlocutor.

Ocultamos a sua identidade, para revelarmos mais esta atrevida opinião, que podia não ser bem interpretada pelos seus superiores:

— Se quando vamos para o campo, se nos dissessem simplesmente: «joguem com lhes der na gana», — veríamos se a minha equipa não mostrava do que é capaz!

É sabido que os argentinos são avessos a tácticas. O seu técnico principal, o célebre Stabile é um adversário da sistematização do jogo, preferindo confiar mais na inspiração dos seus jogadores do que na estratégia pré-estabelecida, que geralmente dá melhores resultados no papel e no tabuleiro do que no campo...

É possível — acreditamo-lo facilmente — que equipas mais fracas obtenham assim melhores resultados. Estão neste caso os famigerados sistemas 4+2+4 e 4+3+3 — uma espécie de «ferrolho» que importámos do Brasil, e graças ao qual, não há dúvida, temos perturbado boas equipas, como a Hungria, por exemplo, e mais recentemente a selecção militar inglesa.

Sucede que, assim, o jogo perde em beleza. Nada mais irritante para o espectador (especialmente para aquele que torce pelos atacantes) do que ver uma equipa acantonada à defesa...

Claro que, com o 4+2+4 ou o 4+3+3 também se ataca. Exige um maior esforço por parte dos jogadores, mas vai-se de uma baliza à outra — quando se quer — ou tenta ir. Porque há equipas — e isso agrava a pouca simpatia que a táctica desperta no espectador — que vão para o campo apenas com a ideia de defender, defender até poder. Os seus jogadores, algemados à táctica imposta, produzem metade do que sabem e podem. Não jogam nem deixam jogar...

Há uma equipa — a do Caldas — que não será a mais useira e vezeira nas tácticas defensivas, mas que na ânsia de defender, já conta três golos na própria baliza, em menos de um terço do campeonato!

Não há dúvida: com o rigorosismo das tácticas, perdem os jogadores, perde o futebol em beleza, e perde o público um espectáculo em que a habilidade e a inspiração dos jogadores são o seu maior atractivo.

Alguma razão tem o nosso amigo argentino quando desabafava:

— Se eu fosse presidente da F.I.F.A. mandava prender os tácticos...

Duncan Edwards

Muitos anos são necessários para que um jogador de futebol atinja o esplendor que o jovem Duncan Edwards atingiu em pouco mais de três anos de actividade: quinze internacionalizações e duas presenças na final da «Taça de Inglaterra», apenas com 20 anos.

Duncan, pode, na verdade, ser apresentado como o «Homem de Ferro» do Manchester United e da selecção inglesa. Talvez o mais poderoso jogador do Reino Unido... ou mesmo do Mundo.

Na opinião de Matt Busby, treinador do Manchester United, o segredo do êxito do seu pupilo assenta nestas quatro qualidades indispensáveis ao jogador da bola: «Fortaleza, habilidade, entusiasmo e personalidade». E remate.

—«Duncan é o mais completo jogador de futebol que tenho visto na minha longa vida como treinador...»

Tentar derrubar este médio-esquerdo com uma carga-de-ombro é o mesmo que pretender deter «o avanço de um «tank» com granadas de mão...» Normalmente os adversários são derrubados. Edwards serve-se do físico com que a Natureza o dotou e tolo seria se o não fizesse.

Os seus progressos foram notáveis desde o dia em que deixou a escola de Rudley, há cinco anos. Ainda garoto revelou grande habilidade e desde os 12 anos que estava a ser observado pelos agentes do Manchester United, pois a fama deste pequeno prodígio do futebol tinha-se espalhado e vários clubes começaram a interessar-se pela sua aquisição: Aston Villa, Wanderers, West Albion e Birmingham City.

Em 1952, com 15 anos, o Manchester, contratou-o por 200\$00 por semana, para o seu pessoal de campo mais com o fim de o proteger das «garras» dos adversários do que para trabalhar.

Quando celebrou o seu 17.º aniversário assinou contrato como profissional com Matt Busby e com esta idade fez parte do grupo B da Inglaterra que jogou contra a Itália e a Alemanha e aos 18 foi escolhido para o Grupo A que jogou contra a Escócia em Wembley.

Será ele o futuro capitão da selecção britânica? Tudo indica que sim. Quando arregaça as mangas do seu «jersey» e carrega, toda a equipa sente que luta por qualquer coisa superior ao prémio da vitória.

A ESQUERDA: Este é Duncan Edwards o grande médio-esquerdo do Manchester United: o mais poderoso futebolista da Inglaterra.

O MAIS EXTRAORDINÁRIO
FUTEBOLISTA INGLÊS
DA ACTUALIDADE!



Mesmo no treino Duncan Edwards revela a sua classe excepcional.

O espírito de luta deste médio-esquerdo revela-se bem neste episódio: em Fevereiro deste ano tinha de jogar pela sua unidade militar na meia-final da «Taça do Exército». Naturalmente, Edward escolheu este momento psicológico para pedir licença para jogar pelo Manchester U contra o Everton na quinta jornada da Taça que se realizava daí a dias.

«Você pode alcançar a licença se atingirmos a final» — disse-lhe o técnico da equipa.

A despeito deste incentivo a sua equipa chegou à segunda parte a perder por 4 golos a 2. Pensando no seu jogo da «Taça», Duncan pediu autorização para passar de médio-esquerdo para interior do mesmo lado. Quinze minutos depois o seu grupo venceu por 7-4... porque Edwards tinha marcado cinco golos... e ganhou a licença que desejava.

Duncan Edwards é dos futebolistas britânicos mais discutidos pela crítica — com a qual nem sempre está de acordo, pela maneira como ela aprecia os seus retratamentos.

Na última temporada Edward interveio em 91 jogos, sem perder a sua forma física e técnica. Nele deposita o futebol britânico as suas esperanças para a temporada internacional: Taça do Mundo, na Suécia; jogos contra a Espanha ou Argentina; contra a Rússia em Moscovo e contra a Jugoslávia em Budapeste, além dos jogos da Liga e da «Taça de Inglaterra».

**O SUDÃO
também possui
o seu PUSKAS...**



Há poucos anos atrás, o futebol no longínquo Sudão era coisa desconhecida... Mas hoje, lançada a semente pela escola inglesa, é crescente o entusiasmo e o progresso pode ser assinalado sem custo.

Já se jogam campeonatos e elegem-se «vedetas» como Siddik Manzoul, interior esquerdo considerado o «Puskas» do Sudão.

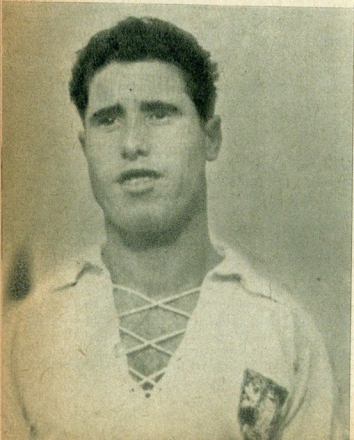
É baixo, quase gordo, imensamente hábil e com um pé esquerdo de meter respeito a qualquer sudanês que se avore em guarda-redes. As afirmações de tal valor chegaram à Europa por intermédio do árbitro britânico Victor Ral que notou a semelhança, ao assistir a jogos no Sudão, do interior sudanês com Terenc Puskas.

Claro que, quanto à comparação registamo-la por curiosidade... É bem possível que Manzoul (22 anos) seja apenas um rapaz habilidoso. Mas em «terra de cegos quem tem um olho...»

É Siddik Manzoul é o «Rei» dos futebolistas sudaneses.



«Rola» e as suas duas camisolas, que se tem esforçado por honrar: em cima a do Sporting, em baixo, a do V. Guimarães. Na defesa das cores dum a doutra já o Joaquim Tavares Guimomar suportou o transe doloroso de três operações a meniscos. «recorde indesejável que só o seu anti-compañheiro de Alvalade, Travaços compartilha.



ROLA

rapaz de Estarreja que do Sporting foi para Guimarães

«Rola» — o nome por que era mais conhecido o Joaquim Guimomar — começou a dar que falar, no meio futebolístico, na célebre final da «Taça de Portugal», em que o Benfica venceu o Sporting por 5-4, e em que o rapaz de Estarreja marcou dois golos de bandeira. Já antes, na eliminação, quando o Sporting venceu o F. C. Porto, em Coimbra por 5-2, «Rola» esteve na base desse sensacional triunfo, com dois golos de categoria.

Depois, uma sucessão de operações ao menisco — recorde mais tarde igualado por Travaços — travou a marcha ascendente do jovem de Estarreja.

É hoje simplesmente, uma estrela... da II Divisão.

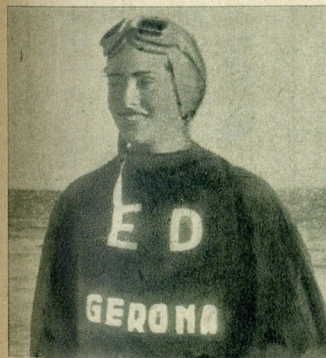
Joaquim Tavares Guimomar nasceu em Estarreja em 13 de Maio de 1927, e com 16 anos já fazia parte das equipas do clube da sua terra. Conservou-se ali até aos 19 anos. Em 1949 veio para Lisboa ingressando no Sporting, nessa altura em dificuldades de arranjar um homem que substituisse Peyroteo. «Rola» estreou-se contra o Estoril e não foi mal sucedido. O Sporting ganhou e ele fez o gosto ao pé... Depois, porque tal se tornou necessário ocupou outros lugares, designadamente o de extremo de ambos os lados. Conseguiu fixar-se na equipa até que um dia surgiu a sua primeira grande infelicidade. Foi operado ao menisco e isso impediu de acompanhar o Sporting ao Brasil.

No ano imediato foi mais feliz e visitou terras de Santa Cruz, participando também na «Taça Latina», visitando Itália e França.

Nova fractura do menisco veio porém perturbar a sua carreira, por sinal na altura em que «Rola», em boa forma, voltara a despertar atenções.

A sua estrela, no Sporting empalidecera. Na época de 53-54 o clube «leonino» facilitou-lhe a transferência para Guimarães onde se tem mantido. Na equipa vimarenense voltou a ser operado ao me-

Gibraltar vencida!...



Um gracioso sorriso, um ar de satisfação bem legítimo depois de uma proeza magnífica. A catalã de Gerona, Montserrat Tresseras, foi a primeira espanhola a conseguir a travessia do estreito de Gibraltar, após 5 h. 18 m. 47 s. de permanência na água.

Todavia, a simpática espanhola não pôde bater o «record» da norte-americana Florence Chadwick, fazendo mais onze minutos do que a sua rival.

nisco, estabelecendo um recorde, que mantém de parceria com Travaços.

Há dois anos casou-se e tem um bebé que é todo o seu enlevo.

O seu sonho de desportista resume-se agora em ajudar o Guimarães a voltar à 1.ª Divisão. Por isso se tem esforçado e dado o melhor da sua boa vontade. Talvez ainda o vejamos de novo, na I Divisão...



A elegância do discóbolo

A noite aproximava-se. O Estádio, superlotado, sentia a escuridão envolvé-lo.

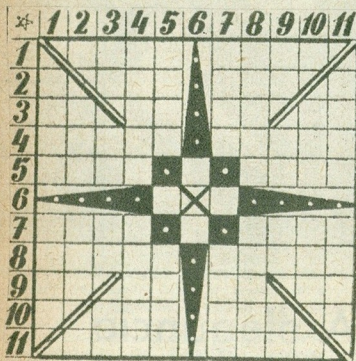
O contraste dos tons punha em relevo a elegância do gesto do discóbolo sempre correcto e belo, na sua excepcional musculatura.

Trata-se, aqui, do finlandês Carol Lind, que estabeleceu em Helsínquia, com 52 m 89 s, um novo «record» do seu país.

Não há dúvida de que Carol Lind é um atleta — em toda a acepção da palavra.



PALAVRAS CRUZADAS

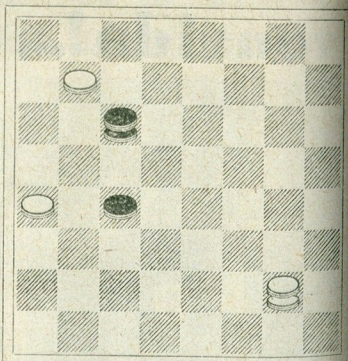


HORIZONTAIS — 1 — Treinador argentino; nome de um boi adorado pelos antigos egípcios. 2 — Glândula; prolongamento de Portugal na Ásia. 3 — Nota musical; perniciosa; prefixo de inversão; símbolo químico do amônio. 4 — Jogador do Benfica; afável. 5 — Trituram; odor. 7 — Actuam; tronco de videira. 8 — Jogador do Belenenses; jogador do Sporting. 9 — Símbolo químico do talio; comiseriação; art. pl.; nota musical. 10 — Confia; regra. 11 — Texto de um escrito; rezar.

VERTICAIS — 1 — Subir; capaz. 2 — Anel; maçagista do Torriense. 3 — Caminhar; nome de letra; símbolo químico do erbio; uma das virtudes teológicas. 4 — Vento abrasador que sopra na África, de Sul para Norte; lugar duma equipa de futebol. 5 — Adorar; tanger. 7 — Alqueive; tento. 8 — Jogador do F. C. Porto; costurar. 9 — Constelação; símbolo químico do alumínio; preposição; caminhava. 10 — Período; medida de comprimento (pl.). 11 — Paixão; parte do Mundo.

DAMAS

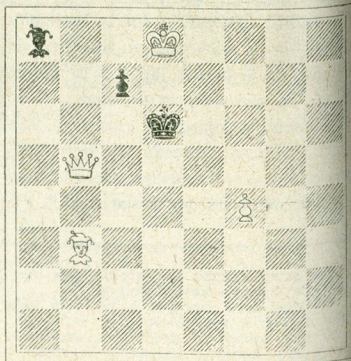
Final de «Lusiada»



Jogam as brancas

XADREZ

H. Weenink



Mate em dois lances

Pat O'Brien explica como faz...

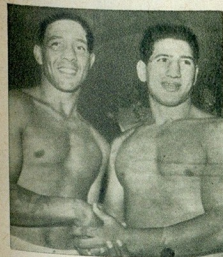


O super-campeão norte-americano de lançamento de peso, Pat O'Brien, campeão olímpico e recordista mundial do Peso, fez sensação recentemente em Bucareste, com um lançamento de 18 m, 55 jamais realizado na Europa.

Como o preço da popularidade se paga — e caro! — Pat O'Brien viu-se logo rodeado de numerosos admiradores, entre os quais os treinadores romanos, que não escondiam o desejo de saber o segredo da força do norte-americano. Este, vezes sem conta, viu-se na necessidade de explicar os seus métodos, como a gravura o demonstra.

Todos ficaram a saber como é, mas sem ser capaz de fazê-lo...

TURPIN voltou ao ringue!



Boulgroune (à direita), ferido na palma da mão, viu-se obrigado a baixar bandeira ao nono assalto, durante o combate que o opôs ao regressado Bandolph Turpin, cujo êxito foi uma surpresa.

Apesar de tudo, um sorriso amigável reúne os dois homens neste «cliché» batido antes do combate.

Turpin parece tentado a reconquistar o seu antigo prestígio e, para já, prepara-se para defrontar o vencedor do combate, Moore-Anthony, na categoria dos meios-pesados.

HÁ CINCO ANOS QUE

O BELENENSES NÃO VENCE O BENFICA

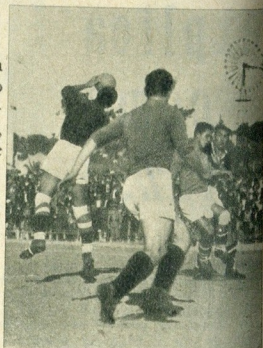
Benfica e Belenenses vão enfrentar-se mais uma vez, olhos postos no título, como sempre. É curioso observar os resultados que os dois clubes têm averbado nos jogos a contar para o campeonato nacional, englobando nesta série, o antigo campeonato que antecedeu a «Taça de Portugal»:

Eis a lista dos vencedores:

- 1926-27 — (1/2 final) — Belenenses, 2-0.
- 1928-29 — (1/8 final) — Belenses, 3-2.
- 1934-35 — (1/4 final) — Benfica, 1-0 e 2-1.
- 1935-36 — (1/2 final) — Belenenses, 2-2 e 2-1.
- 1938-39 — Benfica, 3-2, Belenenses 4-3.
- 1939-40 — Belenenses 2-0, Benfica 4-2.
- 1940-41 — Belenenses 5-3, Benfica 2-1.
- 1941-42 — Benfica 2-1, Belenenses 4-0.
- 1942-43 — Benfica 4-2, Belenenses 5-2.
- 1943-44 — Empate, 1-1 e Benfica 2-1.
- 1944-45 — Benfica 3-1, Belenenses 2-1.
- 1945-46 — Belenenses 1-0, Benfica 2-0.
- 1946-47 — Benfica 3-1, Belenenses 2-1.
- 1947-48 — Benfica 2-0, Belenenses 4-1.
- 1948-49 — Benfica 1-0, Belenenses, 2-0.
- 1949-50 — Empate 1-1 e Benfica 6-1.
- 1950-51 — Empate e Benfica 5-2.
- 1951-52 — Empate 2-2 e Belenenses 2-0.
- 1952-53 — Benfica 2-1 e 3-1.
- 1953-54 — Benfica 2-0 e Empate 1-1.
- 1954-55 — Empate 0-0 e Benfica 2-1.
- 1955-56 — Empate 2-2 e Benfica 1-0.
- 1956-57 — Empates 2-2.

O balanço geral é favorável ao Benfica que totaliza 20 vitórias contra 14 triunfos do Belenenses. Registraram-se 10 empates.

Lembramos que os «azuis» não vencem os «encarnados» vai para seis anos!



1938 — O guarda-redes belenenses, foi mais lesto que Amaro e Valadas, que tarde demais travam a corrida.



1943 — O malogrado José Simões em luta com o então já famoso Rogério de Carvalho.



EM CIMA: 1944 — Remate de Armando, nas «barbas» de Francisco Ferreira. Os «encarnados» venceram por 2-1.

À ESQUERDA: 1945 — Júlio leva a melhor contra Vasco. Mas... o Belenenses ganhou por 2-1.

EM BAIXO: 1944 — O guarda-redes Rosa aplicando um valentíssimo soco na bola.



UM JOGO B.-B.

é sempre
um espectáculo de emoção



À DIREITA: 1947 — Passar estes quatros não era fácil... Reconhece-os, leitor? Francisco Ferreira, Félix, Fernandes (tão jovem...) e, encoberto, o guarda-redes Martins. O Benfica venceu este jogo por 3-1.



EM CIMA: 1945 — Bela jogada de Mário Rui, então a jogar contra o Belenenses... Feliciano é que não parece bem humorado.

EM BAIXO: 1945 — Júlio antecipa-se a Capela, mas este defenderá.



Eis três imagens de uma clamorosa vitória do Benfica no campeonato de 1947-48. O Belenenses seguia em primeiro lugar, com 2 pontos de vantagem, e contando no seu activo triunfos como o de 4-1 contra os «encarnados». Estes empertigaram-se e ganharam no seu campo por 2-0. E quem acabou por ganhar a prova foi... o Sporting.



Nestes «clichés», pode admirar-se o estilo inconfundível de um Arsénio de há dez anos, e uma defesa de Sérgio que parece espantar A. Figueiredo...



SABE QUE EQUIPA É ESTA?



Uma equipa, do Sporting, sem dúvida, e com todos os visos de ter ganho uma taça. Mas que taça? Ajudamos a recordar: o último adversário do torneio foi o Benfica. E os «encarnados» chegaram a estar a ganhar por 3-0 e acabaram por perder por 4-3. Ora isto aconteceu na «Taça»...

(Resposta na página 13).

Declínio de uma estrela russa?

A famosa russa Inese Jaunzeme, campeã olímpica do lançamento de dardo, parece ter entrado em declínio. Nos campeonatos universitários disputados em Paris, não passou do segundo lugar e o mesmo lhe aconteceu nos recentes campeonatos nacionais de atletismo disputados em Moscovo em que foi batida pela não menos famosa Zybina, que lançou o dardo a 54^m,18, o segundo melhor tempo mundial de sempre. Neste acontecimento, Zybina derrotou também Aleksandra Chudina, que era campeã nacional da especialidade.



O BENFICA tem um Neto

(não um parente, mas um jovem e prometededor futebolista Montijense)

Chama-se Manuel Neto, tem 22 anos, nasceu no Montijo e jogava a médio-direito do clube da sua terra. Na época de 1952-53 surgiu na equipa dos juniores montijenses onde se manteve na época imediata, tendo por companheiro um nome que o público já decorou: «Quim Zé», hoje no Sporting.

Em 1954, subiu à equipa principal com outros juniores da mesma fornada, todos eles, valores firmes do futebol da II Divisão, tais como Serralha, Manuel Luís e Redol.

Esta época, o jovem montijense, apareceu transferido para o Benfica. Foi já no Estádio da Luz, depois duma das sessões de treino, em que comprovamos as magníficas qualidades de Neto, que lhe ouvimos as seguintes palavras:

— Desde garoto que sentia grande admiração pelo Benfica, parecendo um sonho ser agora seu jogador. Prometo entregar-me com todo o meu entusiasmo à preparação que me possa levar a servir o Benfica.

Sou novo, já verifiquei que tenho belíssimos mestre e bons companheiros, por isso a minha tarefa estará facilitada. Tentarei o impossível por corresponder à confiança e carinho de que me têm rodeado no meu novo clube.

Veremos até onde poderá ir este patricio de «Zézinho» — como ele, todo fibra e fé nos próprios recursos.



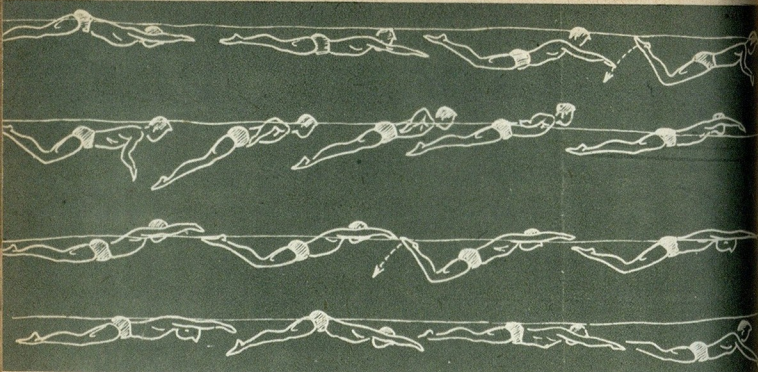
SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DE HOJE

FOTO-ENIGMA — «Taça Maia de Loureiro...»

XADREZ — 1. D. c4 (Mates mudados; antes da chave, se 1... c6; 2. De5 (depois 2. Dd4) se c5; 2. Dd7 (depois: De6). A variante... Bc6; 2. Db4, completa o «Grimshaw» de Bispo e peão, ou seja, intercepção recíproca.

DAMAS — 28-32 = D, 23-1; 16-20, 1-5, 32-1, 15-12, 1-14, 18-8, 14-4.

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1 — Pisa; apis. 2 — Rim; Dio. 3 — Lá; má; in; am. 4 — Artur; lhano. 5 — Roem; olor. 7 — Agem; cepa. 8 — Pires; Comes. 9 — Ti; do; os; si. 10 — Fia; lei. 11 — Teor; orar. Verticais: 1 — Alar; apto; 2 — Aro; Gil. 3 — Ir; te; er; fé. 4 — Sírum; médio. 5 — Amar; soar. 7 — Adil; golo. 8 — Pinho; coser. 9 — lo; al; em; ia. 10 — Ano; pés. 11 — Amor; Ásia.



Os "Delfinistas" nadam assim...



Horst Weber-Bayreuth, professor e praticante distinto de natação, autor do esquema do «estilo delfim», que reproduzimos.

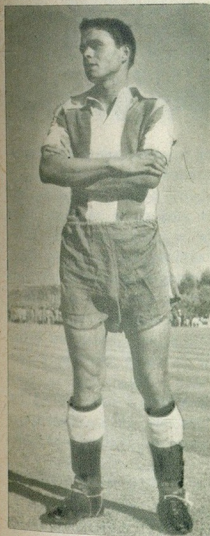
Foi em 1935 que começou a praticar-se, na América do Norte, o mariposa (clássico, ou seja com golpe de pernas de bruços). Imediatamente a sua prática se espalhou pelo mundo. As provas de bruços permitiam os dois estilos (o bruços clássico e o mariposa clássico) porque oficialmente só se praticavam três estilos — costas, bruços e «crawl».

Em 1936 (Jogos Olímpicos de Berlim) e em 1937 (Japão-E. U. A. em Tóquio) grandes trabalhos houve entre os praticantes das duas especialidades. Até aí, o «mariposa» (clássico) vencia o bruços (clássico) em 100 m. mas em 200, naquelas competições o «bruços» teve sempre vantagem. O «mariposa» precisava — por ser esgotante — de ser muito treinado. Em 1935, o nadador americano Jack Sieg, treinado pelo famoso e competente David Armbruste, iniciou o «delfim» (cuja particularidade é o batimento duplo e simultâneo das pernas e movimento um tanto ondulatório do corpo). Porém, como os regulamentos da FINA obrigavam as pernas a abrir aos lados, Sieg deixou o «delfim» que já lhe havia proporcionado marcas excepcionais em 100 jardas (60,2 s.) e 100 metros.

O «mariposa» (clássico) começou a desenvolver-se e deixou a perder de vista, mais tarde e em todas as distâncias, o «bruços».

Em 1 de Janeiro de 1953, a FINA alterou regulamentos: separou o «mariposa» do «bruços» ficando assim quatro estilos oficiais. No movimento de pernas da mariposa deixou então de ser obrigatório abrir-se aos lados, para passar a ter que ser apenas «simétrico e simultâneos». Estavam abertas as portas aos «delfinistas» que viriam a ser, por semelhança de técnica (o «delfim» é praticamente um «crawl duplo») os «crawlistas». A princípio muito ondulatório, passou a se-lo menos, por casos de desvio da

5 OSVALDOS NA 1.ª DIVISÃO



Osvaldo Cambalacho — o único Osvaldo português da 1.ª Divisão.

Não se pode dizer que Osvaldo seja um nome bem português e, por isso, estranha-se que abunde tanto por todo o Brasil.

Por lá militam nas fileiras desportivas muitos Osvaldos, desde o que é apelidado de «Balisa», que foi internacional no Botafogo, até Valdo, «sobriquet» do avançado-centro do Fluminense e bom marcador de golos.

Por cá, a influência brasileira dá-nos a existência de 5 Osvaldos na 1.ª Divisão do Campeonato Nacional de Futebol: **Osvaldinho** e **Vadinho** (também diminutivo), do Sporting, **Osvaldo Silva** e **Osvaldo Cambalacho**, do F. C. Porto, e **Osvaldo Tranque**, médio argentino do Sporting de Braga.

Destes, só Osvaldo — defesa esquerdo dos «portistas» — é português, natural do Seixal.

O mais velho é o «internacional» Osvaldinho, dos «leões», com 31 anos, enquanto o colega Vadinho é o mais jovem, com uns «frescos» 24 anos. Um e outro podem tornar-se como símbolos adequados do mais experiente e do mais promissor.

No próximo Porto-Sporting, poder-se-á registar a curiosidade de se juntarem no Estádio das Antas, nada menos do que 4 Osvaldos...



«Osvaldinho», internacional brasileiro, que abriu caminho à importação de uma série de Osvaldos «di lá»...

coluna vertebral, verificados por médicos. O «delfim» superou imediatamente o «mariposa» clássico, mas não é considerado (como na Polónia) um quinto estilo.

O «mariposa» (clássico, para melhor distinção) é pouco nadado hoje, porque é bastante mais lento.

Afonso Gonçalves foi o primeiro português a nadar «mariposa» e Fernando Madeira o primeiro a nadar «delfim», este em 1953.

Eis os «Records» Mundiais em «Mariposa»:

	100 m.	200 m.
Clássico (Klein, Alemanha)	1,05,8	2,27,3
Delfim (Ishimoto e Yorzik, Japão e E. U. A.)	1,01	2,19
«Records» Portugal:		
Clássico (Barbeiro)	1,12,6	2,55,8
Delfim (F. Madeira)	1,07,8	2,39,3

Fazemos esta distinção a título de curiosidade, porquanto oficialmente só existe a definição «Mariposa», dado que «Delfim» é apenas a designação corrente para indicar o processo moderno.

O grande acontecimento desportivo do ano de 1924 foi sem dúvida os Jogos Olímpicos de Paris. No campo filatélico, porém, apenas dois países emitiram selos comemorativos desta olimpíada. Mais precisamente, apenas a França, organizadora dos Jogos, porque o outro país — o Uruguai — limitou-se, aliás, muito naturalmente, a exaltar a sua brilhante vitória no campeonato de futebol.

A Síria e o Líbano limitaram-se a pôr sobretaxas locais aos selos franceses.

A emissão fundamental tem a data de 1 de Abril de 1924 e teve validade até 30 de Setembro do mesmo ano. Consta de quatro valores, apresentando os seguintes motivos: 10 cent.: campeão olímpico e estádio; 25 cent.: mulher com a estatuetta da vitória e como fundo a Notre Dame; 30 cent.: Hércules; 50 cent.: um vencedor.

A série completa é pouco valiosa: 675 liras. Por parcelas: 35, 50, 250 e 350 liras (catálogo Landmans). Há, porém, exempla-

res raríssimos, por apresentarem particularidades (não dentados, por exemplo).

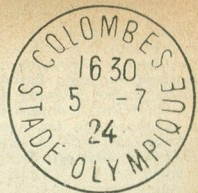
Valorizam, também, os selos citados, alguns carimbos, um dos quais reproduzimos ao alto da página, e proveniente da própria estação do estádio Colombes.

Por ocasião dos jogos foram editadas, em cartolina especial, estampas com o conjunto dos quatro selos comemorativos, e ainda uma outra estampilha, em 16 cores diferentes, representando uma antiga arena romana.

A emissão libanesa tem a data de 15 de Junho de 1924, mas em 25 de Setembro do mesmo ano recebeu sobretaxas em

CURIOSIDADES FILATÉLICAS

SELOS COMEMORATIVOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS (1924)



VRVG VAY

CAMPEON MUNDIAL ---
--- DE FOOTBALL

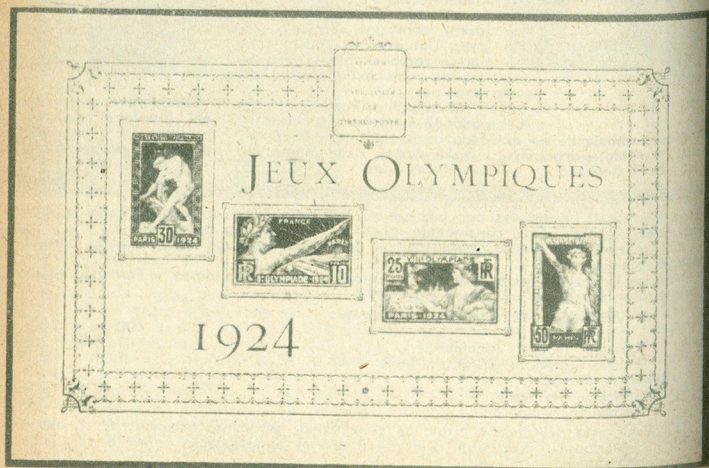
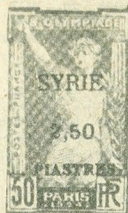


francês e árabe. A série de 4 valores custa cerca de 100\$00.

A da Síria é do mesmo género. Começou em 8 de Junho de 1924 e em 26 de Setembro teve também uma sobrecarga em caracteres árabes. Os quatro valores são avaliados em 50\$00.

A emissão Uruguai data de 29 de Julho de 1924. Consta de três valores — em cor de rosa, lilaz e azul esverdeado. Cotada em globo em 75\$00, aproximadamente. São, porém, raros, e por isso valiosos, os selos carimbados com os timbres que reproduzimos à direita.

Lembramos que o Uruguai conquistou o título olímpico, batendo, na final, a Suíça por 3-0. Não havendo ainda a «Taça Jules Rimet», valeu por campeonato Mundial.



...vários jogadores, da I Divisão, alguns mesmo muito populares. Preparem as prendas, prezados leitores...

O primeiro é o Barbosa, do F. C. Porto, que festeja hoje, domingo, o 26.º aniversário. **António Fernando Barbosa da Silva**, nasceu em Miragaia em 3 de Novembro de 1931. Começou nos juniores do Boavista em 1948-49 e há duas épocas que se encontra no F. C. Porto. É internacional B e Militar.

Na segunda-feira faz anos o médio argentino **Américo Cesário Belen**, nascido em Buenos Aires, em 4 de Novembro de 1924, que desde 1953-54 representa o Torriense.

Depois, na quarta-feira faz 31 anos o seu semi-compatriota, **Doménico Garofalo**, nascido em Trani-Bari (Itália), em 6 de Novembro de 1926. Em Portugal representou os seguintes clubes: 1954-55 e 56 — Sp. Braga; 1956-57 — Caldas; 1957-58 — Oriental.

No mesmo dia, festeja o 22.º aniversário o prometedor defensor-central do Benfica. **Manuel Francisco Serra**. Nasceu em Lisboa em 6 de Novembro de 1935. Clubes repre-



Barbosa



Belen



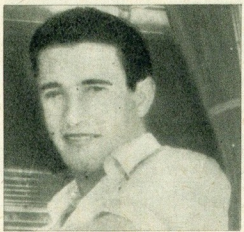
Garofalo

sentados: 1952-53 — Ac. Cacém; 1953-54 — Oriental; desde 1954-55 — Benfica.

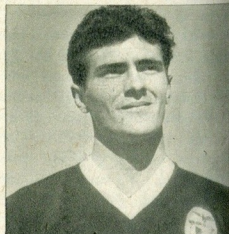
Na quinta-feira, o aniversariante é **António Manuel Alves Bernardes**, do Torriense. Nasceu em 7 de Novembro de 1929, em Torres Vedras, e desde 1947-48 que representa o Torriense, à excepção do período 1948-54, em que esteve no Benfica.

Na sexta-feira completa 31 anos o Melo, da Académica. **António Campos Melo Nogueira**, nasceu em Bustelo-Penafiel, em 8 de Novembro de 1926. Uma época (1944-45) no Sp. C. Penafiel e o resto na «Briosa».

Finalmente, haverá festa, no sábado, no lar do «ídolo benfiquista», **Aguas**. O internacional **José Pinto Carvalho Santos Aguas**, nasceu no Lobito, em 9 de Novembro de 1930. Completará, pois, 27 anos. Joga no Benfica desde 1950-51.



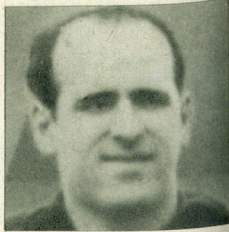
Serra



Aguas



Melo



A. Manuel

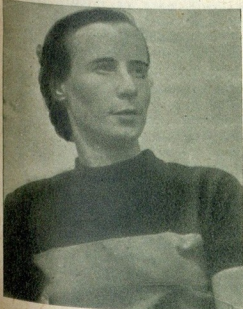


Recorde soviético batido por uma francesa

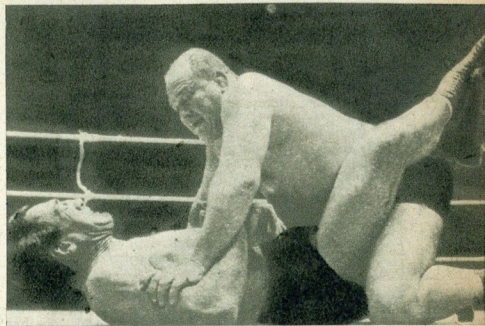
Os franceses continuam interessados em chamar a si os «records» mundiais de ciclismo.

Depois de Roger Rivière, que recentemente bateu o «record» da hora, no Vigorelli, de Milão, chega-nos a notícia de que a sua compatriota Renée Vissac atacou e alcançou, também no mesmo Velódromo, o «record» feminino da hora.

Ei-la, na foto de cima, depois da sua extraordinária «performance» (38 km. 569, o que não é nada mau, não é verdade?), em que desapaouso a soviética Novikova que vemos na outra foto.



As caretas dos lutadores



O desporto, seja qual for a modalidade, obriga sempre o atleta a grande esforço. Na luta livre esse esforço é acompanhado por caretas mais ou menos cómicas, como as que nos oferecem, nesta imagem, os lutadores Primo Carnera e Félix Miquet.

Bodas de Ouro do Benfica-Sporting!

Não espere que se esgote o próximo número de «CRÓNICA DESPORTIVA!»

Insere, além da sugestiva história do internacional «leonino» Martins, e de numerosas fotos de jogos entre o Benfica e o Sporting, a lista dos 100 primeiros encontros e ainda os do campeonato da I Divisão, entre os eternos rivais!



COM A DOCA PEJADA DE EMBARCAÇÕES É DIFÍCIL LECCIONAR E TREINAR — declara-nos Carlos Fernandes Guedes instrutor de natação do ADICENSE

Carlos Fernandes Guedes, instrutor de natação do Adicense, foi diplomado pela Federação Portuguesa de Natação, que há anos promoveu um curso de instrutores, no qual Guedes obteve o respectivo diploma com boa classificação.

Abordámo-lo há dias, no intervalo dos seus trabalhos na doca dos Tabacos, começando por lhe perguntar qual a média de alunos que orienta. Respondeu-nos:

— Cerca de sessenta alunos por época, o que é muito para que possa atender a todos como desejaria.

— E está satisfeito, mesmo assim, com os resultados?

— Sim! Mas foi pena que, tendo-me ausentado por dois anos, para o estrangeiro, ficassem as classes inactivas, o que levou algumas «esperanças» a «desertar» para outros clubes, como o Sporting e o Belenenses. Alguns deles têm concorrido aos últimos campeonatos nacionais em diversas categorias.

— E quanto aos que ficaram?

— Conto com alguns rapazes que considero autênticas «esperanças», capazes de darem, num futuro próximo, valioso contributo ao clube que os fez nadadores

E acrescentou:

— Fazer melhor é difícil nas actuais condições em que trabalho.

— Qual é o problema?

— A doca do Jardim do Tabaco que a Administração Geral do Porto de Lisboa gentilmente põe à nossa disposição, nem pode ser aproveitada para os nossos treinos e lições, porque muitas vezes se encontra pejada de embarcações, o que dificulta quando não impede, o nosso trabalho.

E Carlos Guedes concluiu:

— A esperança de que o Adicense virá a ter brevemente uma piscina, é que me anima. Outra maneira quase não valia a pena tantos sacrifícios...

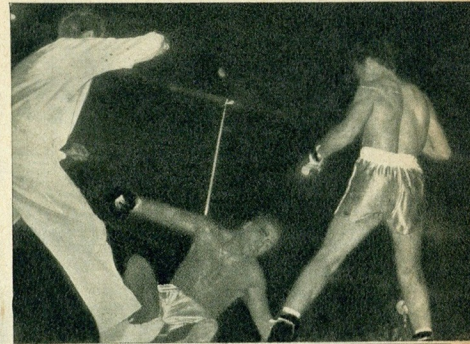
De facto, bem merece a atenção das entidades competentes esta meritória obra do modesto clube de Alfama, que, de forma alguma possui recursos para construir a piscina que necessita. Se de todo for impossível oferecer-lha — como aliás merecia pelos serviços, ao longo de muitos anos, em prol da natação, ao menos que se construa no seu bairro uma piscina municipal, que o Adicense se encarregará de a pagar de gente moça e sadia.

CRISE DE PESOS MEDIOS NA ITÁLIA

O peso-médio italiano Scorticchini, que foi, no último ano, challenger para o francês Charles Humez, conheceu, em Milão, o travo amargo da derrota.

Scorticchini foi batido perante o seu público, antes do limite, sob a força extraordinária do mulato Buxton.

Depois de Mazzinghi «esmagado» pelo francês Drille, os médios italianos parecem atravessar agora uma grave crise.



O pugilista biarricense André Drille, depois da sua sensacional vitória alcançada sobre o italiano Mazzinghi, viu-se, de um momento para o outro, ocupar um lugar de destaque entre as grandes vedetas do pugilismo.

Durante a sua permanência em Paris, Drille e sua esposa, foram companheiros inseparáveis do célebre artista do «music-hall» e do cinema, Luís Mariano.



Vedetas
da
cena
e do
ringue



Quando Chico Calado praticava atletismo

Talvez não saiba, prezado leitor que Francisco Calado, cuja biografia reproduzimos neste número foi também bom praticante de atletismo. Principiou mais ou menos ao mesmo tempo que o futebol, no Benfica. Eis alguns apontamentos evocados pelo valoroso desportista:

— Quando disputei os campeonatos nacionais de juniores, no Porto, ia inscrito em 80 m e 83 m barreiras, salto em comprimento, triplo salto, salto em altura e 5 x 80. Nunca tinha treinado o triplo-salto, de modo que foi no corredor do hotel que fiz os primeiros ensaios...

«Antes da prova dos 83 metros-barreiras (que também nunca praticava) o prof. Fernando Ferreira disse-me que eu tinha de apanhar o 3.º lugar. Apanhei mesmo e até à 7.ª barreira ainda ia em 1.º...

No salto em comprimento também me foi exigido o 3.º lugar. Quase no fim, o eng.º Pires Ventura foi perguntar-me como seguia a prova:

— «Bem, por enquanto vou em 1.º... — respondi-lhe. — «Estás maluco!»

disse ele, que nem queria acreditar. Achei em 2.º e dei 11 pontos para a classificação!

— Também fui recordista nacional... por uma semana. Bem, para falar verdade os recordistas foram os meus colegas da estafeta, que me deram grande avanço...

«Foi na estafeta olímpica, 800 x 400 x 200 x 100. Eu corri em último lugar. Recebi o testemunho com bom avanço, e ganhámos a confiança. Mas o Matos Fernandes gritou-me: Corre, Calado, que batemos o recorde!

«Nem queira saber! Corri o mais depressa que pude. Batemos realmente o recorde, mas na semana seguinte, a mesma equipa, já com Casimiro (um especialista) em meu lugar, fez melhor tempo.

«Sim, porque eu corri por acaso. Fizera um jogo de futebol (reserva) de manhã e fora ao estádio só para ver. Chamaram-me pelo microfone para ir à cabina e... Acrescentar mais para quê? Tal como no futebol, Chico Calado foi também, no atletismo «pau para toda a obra!»



CRÓNICA DESPORTIVA
apresenta a história de

CHICO CALADO

um jogador

“à Benfica”



Uma das primeiras equipas de Calado — na festa de João Cruz



Com 12 anos

Um jogador «à Benfica»! — há alguém que ouse negar a justiça deste epíteto, aplicado a Francisco Calado? Supomos que não.

No entanto, alguém que nos viu a escrever este título objectivo:

— O que é isso de «jogar à Benfica»? Nós retorquimos: — Vá ver jogar o Calado. Não num desafio trivial, daqueles em que o Benfica é tido como favorito incontestado. Não. Observe-o nos jogos grandes, naqueles em que o Benfica precisa de ganhar e o adversário é de tomo. Contra um Sporting, por exemplo... Sobretudo, quando colocado a médio ou a avançado. Repare naquela «alma» que não invalida disciplina de jogo, aquela convicção no poder da equipa, ainda que o resultado seja desfavorável. Enquanto alguns «génios» se retraem, ele lá está, infatigável, sempre onde a luta é mais acesa, onde o golo da vitória é disputado palmo a palmo. É um jogador que se vai buscar à «reserva» para jogar contra os «leões» e marca três golos de uma assentada... Não, nunca foi internacional. Talvez nunca o venha a ser. Culpa do destino,

culpa dos seleccionadores... Ter-se-á cometido uma injustiça. Talvez mais do que isso: um erro. Porque — tem-se visto — a selecção nacional, como o Benfica nos seus jogos decisivos, precisa de um jogador assim como o Calado: antes quebrar do que torcer! Dos que lutam até ao último segundo e deixam a camisola húmida ainda que joguem sob um sol abrasador.

UM PRIMO QUE É ÁRBITRO INTERNACIONAL DE HÓQUEI EM PATINS E FOI COLEGA DE ESCOLA E DOS JUNIORES DO BENFICA

Talvez se suponha que a história de Calado carecerá de interesse, já que conheceu um único clube, nunca foi «internacional», nem foi protagonista de grandes aventuras nem de escândalos, desses costumados na época de transferências... Porém, nós, que a ouvimos da boca do próprio «Chico» (é assim que é tratado entre os amigos), gostamos francamente. Esforçar-nos-emos por a reproduzir tal como no-la contou o jogador do Benfica — com aquela franqueza dos homens simples e bons, que adorados por multidões de entusiastas, nunca perderam a noção das realidades nem se deixaram conquistar pela vaidade pueril.

Falou-nos assim o Francisco Calado — em conversa simples, entrecortada por reminiscências rebeldes, que nesta narrativa aparecem já com certa ordem cronológica...

— O meu nome completo? Francisco Antero Perdigão Calado Ribeiro. Nasci em 22 de Fevereiro de 1927. Sou precisamente um ano mais novo do que José Travassos, que faz anos no mesmo dia.

— Nasceu em Lisboa, não é assim?

— Sim, ali para os lados da Fonte Santa, que fica entre Alcântara e Campo de Ourique.

— Fale-nos da sua infância. — pedimos.

— Frequentei uma escola na Calçada da Estrela, onde a par das letras aprendi a jogar à bola e a saltar ao eixo...

E quando não era ali era na rua



Grupo familiar: o irmão, três irmãs, o Francisco Calado, e os pais

ou no antigo campo do Internacio-

nal.

— Alguém colega se tornou conhecido no desporto, como o Calado?

— Um primo, o Antero Perdigão, que foi junior comigo, no Benfica, e que hoje é árbitro internacional de hóquei em patins. E prosseguiu:

— Mais tarde, quando jogava nas oficinas de S. José, conheci o Gama, o falecido Castão, e outros que se espalharam por clubes menos conhecidos.

JOGAVA A TODOS OS LUGARES, INCLUSIVE A GUARDAREDES

A nosso pedido, Calado precisou melhor esses primórdios da sua carreira futebolística.

— Com 12 anos já jogava numa equipa de rapazes das Oficinas de S. José, o que não quer dizer que fosse interno dessa instituição. Era de lá só para jogar futebol...

E continuou: — Depois, mudei-me para a Picheleira, onde alinhei por vários grupos populares, isto com uns 14 ou 15 anos.



A única transferência de Calado (de solteiro para casado)



«Toma lá um bombom» — diz Calado ao seu colega de emprego e de equipa, Mário Rui

— A que lugar jogava, então? — inquirimos.

Há um misto de mágoa e ironia na resposta:

— Comecei cedo a dança dos lugares. Até guardaredes fui...

E logo prosseguiu:

— Com 16 anos, mudei-me então e outra vez, para Campo de Ourique. E aí comecei a jogar no Sport Lisboa e Águias, clube popular do bairro, que tinha o equipamento igualzinho ao Benfica.

— Foi então que se fez «benfica»?

— Oh, não! Fui sempre da «cor», desde miúdo.

COMEÇOU CEDO A DURA LUTA PELA VIDA

Veio à baila perguntar:

— Que fazia entretanto, à parte os «futebois»? Estudava ou empregara-se?

A ESQUERDA: Uma interceptação de cabeça



Pontapé «raivoso». Fora golo...



Preparativos de viagem...

A réplica veio natural, não sarcástica nem afectada:

— Não, não, eu não sou um rapaz «de estudos». Quando deixei a escola primária, empreguei-me logo. Primeiro numa alfaiataria. Tinha então doze anos. Algum tempo depois passei para o balcão de uma sapataria, onde estive até aos 18 anos.

— E daí...
— O patrão não me deixava treinar, que então já estava no Benfica. Um dia, fui a um treino e quando voltei despediu-me... Foi o Sr. Bogalho que me valeu.

— Como?
— O Sr. Bogalho pertencia então à secção de futebol. Fui ter com ele e contei-lhe o meu caso. Pediu-me para ele me arranjar emprego — e ele respondeu-me que podia ir para a casa de câmbios de que é sócio. Assim foi. Esforcei-me por corresponder à atenção que me dispensou — e já lá estou à doze anos, e quando deixar o futebol tenho o futuro garantido!

A citação do nome do Sr. Joaquim Bogalho, «doublé» de patrão e dirigente de clube levou-nos a aprofundar este capítulo:
— O facto do Sr. Bogalho já não ser dirigente do clube alterou al-

guma coisa as facilidades que lhe concede para você treinar?
Calado fixou-nos como tivéssemos dito uma heresia. Replicou:

— E a mesmíssima coisa! O Sr. Bogalho é um bellissimo patrão, como não podia arranjar outro. Era impossível, mesmo, seguir o regime de preparação actual do meu clube e manter o emprego, se não fossem as facilidades que ele me dá. Mas não é só comigo. Quando o Mário Rui foi dispensado ao Belenenses e depois ao Oriental, continuou a permitir-lhe os treinos.

O INGRESSO NO BENFICA

Retomamos o fio da narrativa:

— Como ingressou no Benfica?
— Tinha 17 anos, a idade para os juniores. Fui à secretaria e inscrevi-me. Passado tempo recebi um postal convocatório.

E lá fui...
— Como decorreu o exame?
— O treinador era o Sr. Biri. Per-



Equipando-se para jogar com o Palmeiras, rio Brasil. A seu lado, o colega F. Calado

guntou-me qual o lugar em que costumava jogar. Respondi que era a interior direito. Eram trinta e tal candidatos e salvo erro só uns três é que ficaram apurados...

— Você foi um deles...
— Sim. Fiquei radiante, claro. Estreei-me contra o Operário, no Campo Grande. Joguei a ponta-direita e ganhamos por 11-0!

E prosseguiu:
— Nesse ano fui campeão regional e nacional. Estive mais um ano nos juniores, depois passei às 2.ª categorias (equivalente aos actuais aspirantes). Também fui campeão em duas épocas.

UM CASO EXTRAORDINÁRIO: MARCOU 5 GOLOS E PERDEU O JOGO!

Calado sorri e diz:
— Quer saber uma coisa curiosa? Uma vez, a jogar a avançado-centro contra o Cascaheira, nas 2.ª categorias, marquei cinco golos. Pois calcule, que perdemos por 6-5! Que raiva!...

De facto, deve ser um caso raro, se não inédito. E a narrativa prossegue com outra particularidade curiosa:

À ESQUERDA: Entrevistado por um rádio-reporter, em Santos (Brasil)





Atendendo um pedido de autógrafo de uma jovem carioca

Duche reparador, depois da vitória sobre o Peñarol



—Joguei na 1.ª categoria do Benfica, sem passar pela «reserva»! Foi contra o Oriental, no Campo Grande Campeonato de Lisboa, se bem me recordo. Estavam magoados o Manuel da Costa e Mário Rui. Joguei a ponta-direita, marquei o primeiro gol e tive interferência nos outros (ganhamos por 7-1). Recordo-me da satisfação com que li as críticas. Tenho lá isso tudo em casa, para rereu um dia... Rodrigues Telles escreveu que eu era um jogador de futuro. De facto, ainda cá ando...

E numa transição:
—Mas como são as coisas. Fiz um «jogão» nesse dia. No domingo seguinte, porém, contra o Belenenses já alinhinou o Mário Rui, e eu voltei ao 2.ª «team». Pois não dei um pontapé direito...

CALADO A «BACK»...

E prossegue:
—Passei à «reserva». E cada vez jogava a mais lugares. Sabe como me tornei «back»?

Sorri, de novo, talvez com uma pontinha de mágoa:

—Foi num festival a favor do raguebista Brás. Eu estava a suplente, como muitos outros. Entrou tudo e eu ia ficando sentado no banco. Quando só faltava eu para «aquecer» um bocadinho, magoa-se o Horácio, e Valadas, que era o treinador, mandou-me jogar a «back».

E Calado comenta:
—Não sei se era por estar aborrecido, à espera de vez para jogar, o certo é que dei nas vistas. Tanto que no domingo seguinte, mesmo contra o Sporting, alinhinei a defesa, a marcar o Martins.

Fez um gesto eloquente, de que se depreendeu que foi mais um triunfo para a sua carreira... de «back».

Mas houve mais...

—Doutra vez — conta Francisco Calado — íamos jogar contra o Porto. Nesse tempo não havia concentração, e as coisas só se sabiam horas antes de principiar os desafios. Pois o Félix apareceu com o joelho in-



Na última visita ao Brasil, Artur, Alfredo Calado e Azevedo lêem as críticas

chado. Um problema, porque o António Manuel tinha jogado na «Reserva». Resolveu-se então que Moreira jogaria a defesa-central e eu a médio. Começado o jogo, o Monteiro da Costa marca dois golos. Lá passei eu para defesa-central.

E concluiu com cômica acentuação:
—E o «Chico» foi o melhor em campo...

CALADO ESTEVE PARA SER DISPENSADO — O QUE DEU AZO A UM BELO EXEMPLO DE DEDICAÇÃO CLUBISTA

Uma pausa. Um gole de laranja fresca — e, depois, mais este «remate»:
—Sabia que eu estive para sair do Benfica em 1949? Foi por uma unha negra...

—Conte, conte...
—Foram muitos dispensados, entre eles, eu!

O Mário Rui foi para a Costa da Caparica, e eu era para ir para o Almada. Um director deste clube, este na secretaria do Benfica para receber a carta de transferência. Eu estava presente. Mas no último momento, não sei o que senti, que me voltei para o Sr. Retorta e propuz:

—Eu fito no Benfica e não ganho dinheiro nenhum. Depois, se eu agradar, põem-me na categoria que quiserem e o ordenado que entenderem!

E acrescentou:
—O Sr. Retorta concordou. Fiquei no Benfica e



Recebendo uma Taça depois do jogo com o Valença



Jantar de confraternização tendo ao lado o grande Evaristo (hoje no Barcelona)



Almoçando com Caiado, Ângelo e Zézinho

nessa época ajudei algumas vezes o glorioso a conquistar o título nacional, fui suplente à «Taça Latina» e participei na digressão a África, em que fui o segundo marcador da equipa, logo a seguir ao Arsénio!

PODIA TER SIDO INTERNACIONAL SE... ALBANO SE MAGOASSE DEPOIS DE PEDROTO

A conversa derivou depois sobre «internacionalizações» — que Francisco Calado ainda não atingiu. Mas pouco faltou. Foi mesmo um capricho do destino. Só isto: houve um jogo em que se registaram duas lesões. Primeiro Albano, depois Pedrito. Se tivesse sido o inverso — primeiro Pedrito, depois Albano, ou simplesmente aquele — é natural que Calado tivesse envergado o «jersey» das quinás e provado do que é capaz...

— Fui suplente no jogo contra a Alemanha. Mas só era autorizada uma substituição. Magou-se Albano e entrou Bentes. Depois, quando se lesionou Pedrito, e eu era o médio suplente, já não pude jogar... Pouca sorte — da selecção e dele...

CALADO — TREINADOR...

Outro capítulo na carreira de Calado: treinador do Desportivo do Castelo...

— Foi um amigo meu, empregado no Banco Burnay e dirigente do «Castelo» que me pediu para treinar o seu grupo. Acedei... e gostei, sabe? As condições, porém, não era boas. O recinto não dava para trei-

nos de conjunto. A base era a preparação física.

— Gostava de ser treinador?
— Sim, mas só quando «acabar» o futebol é que poderei pensar nisso. Bem vê, tenho o meu emprego...

E elucidou-nos:
— Aprecio imenso os problemas do futebol e possuo uma bibliotecazinha já razoável, com uns quinze livros sobre o jogo...

Uma coisa nos ferira a atenção: quando acabar o futebol... Perguntamos:

— Espera jogar quantas épocas mais?
— Dois anos, no máximo.

E desabafou:
— Apesar de todas as facilidades que tenho no emprego, faço um esforço tremendo para aguentar a preparação e só descansar à noite.

PREDILECÇÕES...

Entramos no campo das reminiscências e predilecções:

— O Calado, que é «pau para toda a obra» em que lugar gosta mais de jogar?
— Qualquer que me indique o treinador me satisfaz. Mas o que gostaria de me ter especializado era a médio...

— E, já que jogou em todos os lugares, quais foram os adversários mais difíceis de marcar ou passar?

— Não faço bem ideia... Talvez Serafim dos defesas, Albano e Travassos dos avançados... Dos estrangeiros, o espanhol

Cento é um caso sério... são todos difíceis...

— Qual foi o melhor jogo da sua vida?
— Talvez contra o Sporting, há dois anos, em que marquei três golos.

— E a tarde mais triste?
— Todas são tristes, quando o Benfica perde, ou mesmo quando empatia, às vezes é já uma tristeza...

— Mas não é capaz de precisar um jogo que lhe tenha causado especial tristeza?

Resposta inesperada:

— Sim. Um paradoxo: o Benfica ganhou e eu fartei-me de chorar.

E contou o curioso episódio, menos drástico do que a princípio pensávamos:

— Tinha 17 anos e jogava nos juniores. Foi contra o Águia Vilafranquense. Ganhamos por 5-1 e eu desperdicei alguns sete golos. Cheguei a estar sózinho em frente do guarda-redes e nem um só golo marquei!

Este episódio mostra bem a força de Calado...

Prosseguimos:

— Qual foi o seu melhor golo?

— Tenho tantos bons!... — replicou, sem vaidade, mas com iniludível sinceridade e imodéstia — Olhe, talvez um contra o Sporting. Mas num jogo de reservas. Estava a jogar a defesa direito. Vim por ali fora, a driblar, quantos me apareceram pela frente e antes de entrar na grande área atirei um pontapé daqueles cheios de genérica — e foi golo!

SE O FILHO SAIR AO PAI, NÃO VALE A PENA SER FUTEOLISTA (OPINIÃO DE CALADO)

A última pergunta:

— Tem um filhinho, não é verdade? Deseja que ele venha a ser um jogador de futebol?

Francisco Calado, com ar de «papá», respondeu:

— O João Alberto ainda só tem quatro meses, não se faz ideia das suas propensões para o desporto. Será o que

Regresso da primeira visita ao Brasil





Calado... treinador do D. Castelo

ele quiser. Se for jogador como o pai não vale a pena (Discordamos!). Mas se quiser seguir a carreira, que seja acima de tudo um desportista... e bom estudante!

Se outras razões não houvesse, atendendo às vezes que Francisco Calado tem levado o Benfica à vitória, (além de que

é seu sócio de mérito) queremos parecer que ele comete uma injustiça para consigo próprio em dizer que não valerá a pena o pequeno João Alberto seguir as suas pisadas, se vier a ser um jogador da craveira do pai.

Vale sempre a pena... ser um «jogador à Benfica!».

Ver no próximo número:

A interessante história de JOÃO MARTINS-o jogador-operário do Sporting que ganhou um prémio de correcção

ARTUR AUGUSTO

Naturalidade — Lisboa

Clubes representados: 1911 - 12: F. Benfica; 1912 - 13: Clube Internacional de Futebol; 1913 - 14: Sport Lisboa e Benfica; 1914 - 15: C. I. F.; 1915 - 17: S. L. Benfica; 1917 - 18: Império L. C. 1918 - 21: S. L. Benfica; 1921 - 23 (?): F. C. Porto; 1923 - 24: S. L. Benfica; 1926 - 27: Cavalelinhos.

Estreia internacional e único jogo: 18 de Dezembro de 1921, contra a Espanha, em Madrid.

JAIME GONÇALVES

Naturalidade — Lisboa

Clubes representados: Sporting, de 1913 a 1928.

Estreia internacional: 17 de Dezembro de 1922, contra a Espanha.

Internacionalizações: 2, contra a Espanha. Golos: 1.

ANTÓNIO RIBEIRO DOS REIS

Naturalidade — Lisboa

Clubes representados: 1910 - 11: Associação de Futebol do Liceu da Lapa; 1911 - 14: Associação Escolar do Liceu Pedro Nunes; de 1914 a 1926: S. L. Benfica.

Estreia internacional e único jogo: 18 de Dezembro de 1921, contra a Espanha, em Madrid.

CANDIDO FERNANDES PLÁCIDO DE OLIVEIRA

Naturalidade — Fronteira (Alentejo)

Clubes representados: De 1911 - 12 a 1913-14: Casa Pia de Lisboa; de 1914-15 a 1919-20: Benfica; de 1920-21 a 1927-28: Casa Pia A. C.

Estreia internacional e único jogo: de 18 Dezembro de 1921, contra a Espanha, em Madrid.



ARTUR AUGUSTO



JAIME GONÇALVES

